

Pede pra sair: onde você guarda o seu preconceito?

Carmela Grune¹

Quero compartilhar com vocês uma experiência inusitada para mim, mas que para muitas pessoas deve acontecer com frequência. Vamos refletir através da atitude que veio de uma pessoa que já viveu muitos anos e que parece que aprendeu pouco. É triste, mas vamos lá.

Após dois meses de reclusão para terminar a dissertação de mestrado, como filha de Deus, fui desfrutar de um bom programa cultural.

Comecei a ligar para os meus amigos, aqueles que a gente liga a qualquer hora e, nas mais difíceis, estão sempre dispostos. Pois bem, um tinha agendado churrasco e o outro estava com telefone desligado, minha mãe, sempre companheira das minhas “índias”, tinha voltado de Santa Maria, bate-volta mesmo, para apresentar o trabalho de conclusão da pós-graduação da UFSM.

Cheguei à porta do quarto e disse à minha mãe: - vou pro cinema. Semana que vem terei que concluir as observações do meu orientador para entregar a dissertação no curso de mestrado. Ela demorou a responder, pois o sono era pesado e a bobeira estava grande. Chamo-a novamente: - mãe, to saindo. Ela: - quem vai contigo? Digo que vou sozinha e pergunto: vem comigo? – Tá. Parecia um “pede pra sair”, no bom sentido.

Tudo certo, trânsito tranquilo, mas estava quase na hora do primeiro filme começar, sim, porque depois de tanto tempo em casa, eu queria assistir dois filmes. Chegamos 21h20min no Shopping, compramos as quatro entradas para garantir e lá fomos nós para a sessão da sala oito, assistir “A Rede Social”, um pouco superficial, mas gostei.

Após a sessão, tínhamos uns 20 minutos de espera, eu e minha mãe ficamos conversando sobre as nossas impressões e tudo que se relaciona ao

¹ É jornalista, editora do Jornal Estado de Direito, mestranda em Direitos Sociais e Políticas Públicas pela UNISC.

cotidiano. Perto de nós havia um casal bem idoso, sentadinhos a espera também.

Novamente, dou os ingressos para o funcionário e vamos entrando. Ao passar pelo corredor, cruzamos com o casal, e o senhor, perto de 80 anos, pequeno e magro, estava nos olhando, parecia bem lúcido. Passei e dei boa noite. Aprendi com a minha tia Ilani que tem o bom hábito de cumprimentar todas as pessoas. Mas não respondeu e me lançou um olhar muito frio.

Ficamos com uma péssima impressão, perguntei a minha mãe: você viu aquele senhor ou foi assombração? Ela sorriu e disse que tinha visto e achou muito estranho o modo que ele nos olhou, com um ar de repreensão. Até então pensei que ele só estava de mau humor.

Chegamos então aos nossos lugares, sessão da meia noite, sala um, prestigiando o cinema nacional, garantimos a ida a sala um para assistir “Tropa de Elite 2”. Gostei muito do filme, da crítica que de lá reforçou várias idéias e inquietações.

Na saída, ainda dentro da sala, novamente o mesmo casal de idosos, passam por nós murmurando e reclamando para que ouvíssemos, em tom elevado, diziam: “aquelas duas mulheres”, pouca vergonha, de mãos dadas, etc. Percebi que estávamos sendo vítimas de preconceito, então não aguentei e perguntei: - o que houve? Não posso abraçar a minha mãe?! Ele respondeu: a tá, porque na minha frente casal de mulheres não!

Rapidamente respondi: - E se fosse casal? O Senhor tem que respeitar as diferenças! E ele falava: - Mas eu tenho meus direitos, na minha frente não! A mulher tentava acalmá-lo, mas ele continuava a falar, parecia possesso.

Mas o fato é que fomos vítimas de preconceito. Sentimos na pele. A discriminação é horrível! O sentimento de tristeza e até de frustração por ver pessoas, aparentemente com bom nível social, assistindo um filme importante externando esse comportamento.

Eu e minha mãe ficamos chocadas. Como é que pode essa intolerância? Mas a realidade está aí. Quando vemos um casal, de marido e mulher, de homossexuais ou duas pessoas do mesmo sexo, que são amigos,

amigas passeando, conversando, aproveitando a vida, logo podemos pensar e imaginar qualquer coisa que nos vem à mente.

Entretanto, nem sempre podemos externar nossos pensamentos, principalmente se forem preconceituosos, racistas. Há lei contra isso - se não respeitamos as pessoas - ao menos devemos cumprir a lei, para que possamos conviver em paz.

Pensemos um pouco, todos nós temos o direito de ir e vir, de passear pela cidade, de ir ao cinema, de liberdade para viver, dentro de uma ordem, de um sistema que é para todos, sem exclusividade, é público. Que direito alguém pode reclamar de estar em público e querer impor suas convicções?

Mas confesse: onde você guarda seus preconceitos social, sexual, racial, religioso e tantos outros? Isso é patético. Por favor, pede pra sair?